

Bruxas de Salem, ressentimento, moralidade histórica e paranoia social

RENATO NUNES BITTENCOURT*

Resumo

O artigo realiza uma interpretação filosófica baseada em Nietzsche acerca do filme *As Bruxas de Salem* (*The Crucible*), baseado na obra de Arthur Miller, em uma comunidade puritana de Massachusetts onde a conjugação entre ressentimento, hipocrisia, histeria coletiva, paranoia, medo, ignorância e superstição serviram de motor para a realização de uma catástrofe social.

Palavras-chave: Ressentimento; Superstição; Histeria; Paranoia.

Salem Witch, resentment, hysterical morality and social paranoia

Abstract

The article performs a philosophical interpretation based on Nietzsche about movie *The Crucible*, based on the work of Arthur Miller, in a Puritan community in Massachusetts where the conjugation between resentment, hypocrisy, collective hysteria, paranoia, fear, ignorance and superstition have served as a motor for the realization of a social catastrophe.

Key words: Resentment; Superstition; Hysteria; Paranoia.



* **RENATO NUNES BITTENCOURT** é Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ e professor do Curso de Administração da FACC-UFRJ.



Introdução

Neste artigo pretendo realizar um diálogo entre alguns dos conceitos fundamentais presentes na filosofia de Nietzsche e o filme *As Bruxas de Salem* (no original, *The Crucible*), lançado nos grandes circuitos do cinema em 1996, sendo estrelado por Winona Ryder e Daniel Day-Lewis, sob a direção de Nicholas Hytner.

O roteiro do filme *As Bruxas de Salem* se baseia na peça de Arthur Miller. O dramaturgo (que colaborou na adaptação da peça para o cinema), engendrou esta obra baseada em um horrendo acontecimento histórico de 1692 na comunidade puritana de Salem (Massachusetts) como uma maneira de retratar o período histórico pelo qual vivia sociedade norte-americana dos idos de 1950, marcada pela feroz perseguição anti-comunista perpetrada pela insanidade do senador Joseph McCarthy, situando a sua peça em um período histórico distante do espírito de paranóia de sua época, conturbada pelos ares insalubres da Guerra Fria, como forma de exibir uma metáfora deste momento conturbado da sociedade norte-americana, na qual importantes intelectuais e mesmo pessoas comuns foram perseguidas devido ao clima de intolerância e desrespeito a qualquer tipo de divergência política em relação ao establishment capitalista. Qualquer

indício de atividade subversiva, isto é, esquerdista, era virulentamente perseguido pelo regime policesco estabelecido pela súcia moralista dos defensores da pátria, da moral e dos bons costumes. Tal reflexão é bastante conveniente na conjuntura reacionária da realidade brasileira que criminaliza qualquer movimento político de esquerda, considerado de maneira genérica e imbecil como “comunista”. Com efeito, o fascista enxerga a cor vermelha em tudo.

A Psicologia do Ressentimento

Um dos conceitos mais importantes presente na obra de Nietzsche, que podem ser detectados no filme analisado, reside no ressentimento. De acordo com Nietzsche, tal afeto decorre da infeliz incapacidade do sujeito em digerir as experiências afetivas nas suas interações cotidianas, motivando-lhe a formação de um sentimento de rancor perante determinado objeto que, porventura, de alguma maneira o tenha afetado de maneira negativa, ou seja, um objeto que não interagiu com a pessoa que se ressentiu, não lhe garantindo a ansiada alegria ou prazer decorrente dessa interação, caso ela fosse boa. Um exemplo típico do ato que é extremamente capaz de tornar uma pessoa ressentida, reside na agressão que o sujeito sofre de outrem, e que lhe tenha ocasionado um afeto de

tristeza pela dor física ou, mais provavelmente, pela humilhação decorrente de um sentimento de impotência por não conseguir superar uma causa externa mais forte. Afinal, a dor moral é muito mais corrosiva do que a dor física. Na constituição do ressentido, tanto pior para ele, esse rancor não se liberta da sua fragilizada constituição psíquica, motivando-o maquinar veladamente uma série de situações que lhe permitam, em um certo momento de sua vida, em uma dada oportunidade, se vingar da humilhação sofrida. Conforme argumenta Nietzsche,

“Alguém deve ser culpado que eu esteja mal” – esta maneira de raciocinar é comum a todos os doentes, tanto mais quanto lhes for desconhecida a verdadeira causa do seu mal-estar, a fisiológica (ela pode encontrar-se, digamos, numa enfermidade do *nervus sympathicus*, numa anormal secreção de biliar, numa pobreza de sulfato e fosfato de potássio no sangue, em estados de tensão do baixo ventre que impedem a circulação do sangue, ou ainda numa degeneração dos ovários etc.). Os sofrendores são todos horrivelmente dispostos e inventivos, em matéria de pretextos para seus afetos dolorosos; eles fruem a própria desconfiança, a cisma com baixeiras e aparentes prejuízos, eles revolvem as vísceras de seu passado e seu presente, atrás de histórias escuras e questionáveis, em que possam regalar-se em uma suspeita torturante, e intoxicar-se de seu próprio veneno de maldade – eles rasgam as mais antigas feridas, eles sangram de cicatrizes há muito curadas, eles transformam em malfeitores o amigo, a mulher, o filho e quem mais lhes for próximo (NIETZSCHE, 1999, p. 117).

A personagem Abigail, leia-se de passagem, interpretada brilhantemente por Winona Ryder, é uma figura que nos permite evidenciar tal estado de afetação pois, uma vez tendo suas investidas amorosas em relação ao camponês John Proctor (interpretado por Daniel Day-Lewis) rechaçadas por este, pratica as mais infames atitudes contra algumas pessoas da comunidade puritana de Salem para que, de alguma maneira, possa atrair a atenção de seu amado John. Nestas circunstâncias, uma vez que o camponês não nutria por Abigail o desejo de possuí-la sexualmente, a jovem, ao invés de procurar adquirir afetos alegres, que motivassem o esquecimento da intensidade afetiva que nutria pela pessoa de John Proctor, tende a progressivamente desenvolver uma rede inextricável de intrigas, motivando a proliferação de surto de histeria coletiva que conduz o povoado de Salem ao caos, promovendo-se uma verdadeira perseguição religiosa aos que, de alguma maneira, demonstrassem um comportamento distinto da moral cristã apreçada pelos sacerdotes, distinto de uma suposta normalidade imperativa, conforme trataremos a seguir.

Se Abigail fosse dotada de uma personalidade afirmativa, sendo capaz de transformar os seus maus encontros, as interações ruins com o objeto ao qual ela dirigia seu amor, certamente a tristeza motivada pelo fato de ter sido rejeitada por John Proctor, ainda que de alguma maneira viesse a afetá-la momentaneamente com a diminuição de sua capacidade de agir, a sua própria constituição psíquica seria capaz de, em um curto espaço de tempo, utilizar-se dessa experiência ruim como um tônico para que sua constituição física e sua própria personalidade viesse a se fortalecer nas suas próximas interações com os demais, o que seria

manifestação da grande prova da flexibilidade (ainda que muito rara) de o ser humano obter a possibilidade efetiva de transformar aquilo que é mau para si em um bem para si, de transformar um estado de espírito decadente em um estado saudável, forte, jubiloso.¹

Religiosidade dos decadentes

Outra problemática de grande pertinência presente do filme reside na tentativa dos habitantes da puritana Salem mascararem suas hipocrisias e personalidades históricas através de um falso sentimento religioso. A histeria, de acordo com o pensamento de Nietzsche, é fruto imediato da decadência dos instintos vitais, característica de indivíduos débeis, fracos, que de alguma maneira não são capazes de se relacionar de maneira ativa, produtiva, com seus interlocutores no cotidiano e proporcionando o acréscimo de seus seres, mas meramente uma ruptura entre o eu e o mundo, uma vez que o histérico não é capaz de manter seu estado de espírito em uma saudável alegria no contato com o mundo, sendo apenas uma pessoa tensa, desconfiada inclusive do seu próprio corpo, posto que, de tão alienada deste, não é capaz de compreendê-lo. Esses indivíduos decadentes, portanto, se caracterizam pelo fato de possuírem uma estrutura psíquica desequilibrada, desarmônica, em constante estado de conflito e tensão contra a realidade exterior, motivando assim que mais raramente tenham a possibilidade e a capacidade de aumentarem a potência de agir, que permanece assim sempre inferiorizada perante as causas externas. Tal circunstância faz tal esse sujeito adotar uma visão parcial, fragmentada da realidade, sendo, portanto, incapaz de se apropriar das suas condições de vida.

Dessa maneira, antes de avançarmos na argumentação, é importante que se estabeleça a distinção entre histeria e êxtase: a histeria se distingue do êxtase, pelo fato de que este consiste numa experiência que arrebatava o indivíduo da relação espaço-tempo, inserindo-o na esfera da intensidade do não mensurável, sendo um sair de si mesmo que associa o indivíduo a um ser que na esfera ontológica está para além do próprio sujeito, mas que em uma determinada circunstância, entra em interação com esse indivíduo tridimensional, tornando-se imanente a este. Além disso, o êxtase é uma experiência pessoal e intransferível, ou seja, o contato do indivíduo com a esfera sagrada não pode ser transmitido ou vivido por terceiros. É uma experiência do coração, vinculada ao inefável, da dimensão do que não pode ser expresso adequadamente pelo fato de que a linguagem e os conceitos da lógica não são capazes de abarcar a multiplicidade de sentidos dessa vivência singular. Portanto, quando Abigail demonstra perante as autoridades de Salem um comportamento alterado, tal fato decorre simplesmente por causa de uma disposição afetiva para a histeria, o que não permite o acréscimo de sua potência de agir, mas a estagnação e decadência desta.

Abigail, suas companheiras e os devotos puritanos do povoado de Salem se utilizam da religião cristã para dissimularem a decadência de suas forças instintivas, e para tal se empenham em uma hipócrita cruzada de fé em nome da vitória sobre a presença das forças do Anticristo na cidade, movidos por uma histeria paranóica, levando-os a acreditarem que o mal se encontra em todos os lugares do povoado. Abigail, a grande responsável por essa explosão de acontecimentos,

¹ “Da Escola de Guerra da Vida – o que não me mata me fortalece” (NIETZSCHE, 2006, p. 10).

afirma ver a presença do mal em diversas pessoas, seja em Tituba, a escrava trazida de Barbados, seja inclusive em frágeis anciãos, curiosamente em todos aqueles nos quais ela porventura teve um mau encontro, uma diminuição da potência de agir, de maneira que ela projeta em causas externas a maldade que estaria presente em si própria, uma vez que é fato comum de se ocorrer em diversas pessoas a tendência de se ver sempre o inferno nos outros, não compreendendo que se sua vida é uma constante degenerescência fisiológica, o grande responsável pela sua insatisfação não pode ser John Proctor ou qualquer membro da comunidade, mas si própria. Em Abigail reside as próprias causas de sua infelicidade e de sua decadência vital, assim como os efeitos deletérios que ela ocasionará para seus desafetos.

Ao utilizar-se de seu próprio desequilíbrio psíquico para obter vantagens frente aos poderes instituídos da comunidade, Abigail troca do poder da mensagem de amor e paz de Jesus, demonstrando uma equivocada interpretação do verbo do Nazareno, posto que ela não é capaz de adotar uma postura afirmativa perante a realidade, através do amor, da paz e da tolerância, dissimulando de acordo com seus interesses e motivando a discórdia e o rancor em nome de Jesus, simplesmente em uma infame brincadeira de ser cristã; aliás, a prática cristã requer a mudança de estado de espírito, uma reformulação da interação e da postura do homem perante o mundo da vida. Nietzsche afirma que

A vida do Redentor não foi senão essa prática – sua morte também não foi senão isso... Ele não tinha mais necessidade de nenhuma fórmula, de nenhum rito para o trato com Deus - nem mesmo oração. Acertou contas com toda a

doutrina judaica da penitência e reconciliação; sabe que apenas com a prática de vida alguém pode sentir-se 'divino', 'bem-aventurado', 'evangélico', a qualquer momento um 'filho de Deus'. Não a "penitência", não a oração pelo perdão' é um caminho para Deus: somente a prática evangélica conduz a Deus, ela justamente é Deus – O que foi *liquidado* com o evangelho foi o judaísmo dos conceitos "pecado", "perdão dos pecados", "fé", "redenção pela fé" – toda a doutrina eclesiástica judaica foi negada na "boa nova" [...] O profundo instinto para como alguém deve *viver* a fim de sentir-se "no céu", sentir-se "eterno", enquanto, conduzindo-se de qualquer outro modo, não se sente absolutamente no céu: apenas esta é a realidade psicológica da "redenção": - uma nova conduta, *não* uma nova fé... (NIETZSCHE, 2007, p. 40-41).

Essa transformação requer uma disciplina, uma força afetiva e espiritual capaz de fortalecer o ânimo do indivíduo nessa experiência. O caráter inovador dessa mensagem reside na alegria e no amor que permeiam aqueles que seguem de coração essa conduta. Não se trata meramente de um código disciplinar que pretende impor a tristeza e a angústia aos homens, mas pelo contrário, libertá-los de suas limitações através do desenvolvimento da própria potência de agir de cada um, através da manifestação de sentimentos de amor e alegria para com o mundo.

Nietzsche, ao longo de sua obra, considera que foram alguns teólogos e sacerdotes que se imbuíram da letra evangélica para controlar o rebanho de fiéis cristãos. Assim, essas autoridades religiosas adulteraram o caráter de inocência e de júbilo da mensagem de Jesus, mantendo apenas o respeito a

uma rigidez disciplinar, condenando este mundo por considerarem-no pecaminoso, corrompido em sua essência. São homens religiosos que meramente se apropriaram, conforme dito, da palavra sagrada, mas não de seu espírito, pois são incapazes de viver o caráter renovador da mensagem crística. Tal é o grande problema espiritual da comunidade de Salem: seus membros não foram capazes de, em um recôndito momento de suas vidas, entrarem em contato com o âmbito do divino em uma relação imediata, o que certamente transformaria o modo de cada um deles interagir com o mundo, permitindo-lhes compreender a esfera do místico de suas vidas e reformulando a perspectiva de cada um da realidade.

Possivelmente, neste drama, um dos homens que mais se aproximem do ideal crístico, um dos que mais teriam co-participado da atividade crística, teria sido John Proctor, que se utiliza do sentimento religioso não como uma maneira de mascarar suas limitações pessoais, sua decadência instintiva, sua impotência de agir. Ao contrário, ele vivencia a mensagem cristã de uma maneira afirmativa, para que possa permear sua vida de devoção e amor para com os seus interlocutores. Por adotar uma postura realmente crística, por ter um compromisso com a Boa Nova divulgada por Jesus, John Proctor sente, se posso me expressar dessa maneira, aquilo que seria uma espécie de obrigação ética de fazer renascer o espírito crístico na comunidade, como garantia efetiva para que a paz e a justiça voltem a reinar em uma cidade que naquele presente momento era somente histeria, paranóia, insegurança e hipocrisia.

A sentença “Deus está morto”

Nos momentos derradeiros do filme, ao se chocar definitivamente com a total inversão de valores, onde os “maus” são imputados como “bons” e vice-versa, onde os “cidadãos de bem” são hipócritas e perversos, Proctor enuncia a célebre sentença de que *Deus morreu*. Esta sentença proclamada no filme, em uma situação dramática distinta da enunciada pelo célebre *louco* com a lanterna acesa em pleno esplendor do dia possui afinidade com a argumentação nietzschiana por demonstrar a decadência de um espírito religioso, no qual os indivíduos perderam o vínculo com a esfera da devoção e da fé. A comunidade de Salem substituiu a presença de Deus de suas vidas em prol da discórdia, da intolerância, da tristeza, do medo, paixões tristes que conduzem o ser humano para a mistificação, para o irracionalismo e para a decadência vital.

Na filosofia de Nietzsche, talvez seja pertinente interpretar essa sentença como a expressão característica de um momento histórico no qual os homens considerariam como não mais importante e necessária para suas vidas a presença do divino na esfera do mundo cotidiano, pois os homens criaram supostos meios, como o desenvolvimento da técnica científica, que supostamente garantiriam a felicidade e o benefício para grande parte da humanidade, suprimindo a discórdia e a infelicidade. No entanto, pode-se perfeitamente constatar que os homens não alcançaram a almejada satisfação plena com o progresso da tecnologia, permanecendo na situação idêntica de quando concediam a Deus a suma importância no direcionamento de suas vidas. Pois são pessoas que se utilizam da figura de Deus como um suporte para suas deficiências,

acreditando que com a atitude de submissão a uma entidade metafísica, um dia alcançarão a plenitude, ao invés de se esforçarem no plano da imanência para que venham a ser felizes:

Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus!”? E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. Então ele está perdido? perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? Disse um outro. Está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou num navio? Emigrou? – gritavam e riam uns para os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. “Para onde foi Deus? ”, gritou ele, “já lhes direi! *Nós o matamos* – você e eu. Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós ao desatar a terra do seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para a frente, em todas as direções? Existem ainda ‘em cima’ e ‘embaixo’? Não vagamos como se através de um nada infinito? Não sentimos na pele o sopro do vácuo? Não se tornou ele mais frio? Não anoitece eternamente? Não temos que acender lanternas de manhã? Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? O mais forte e mais sagrado que o mundo até então possuía sangrou inteiro sob os nossos punhais – quem nos limpará este sangue e com que água poderíamos nos lavar? Que ritos expiatórios, que jogos sagrados teremos que inventar? A grandeza desse ato não é demasiado grande para nós? Não deveríamos nós mesmos nos

tornar deuses para ao menos parecer dignos dele? Nunca houve um ato maior – e quem vier depois de nós pertencerá, por causa desse ato, a uma história mais elevada que toda história até então! Nesse momento silenciou o homem louco, e novamente olhou para seus ouvintes: também eles ficaram em silêncio, olhando espantados para ele. “Eu venho cedo demais”, disse então, “não é ainda meu tempo. Esse acontecimento enorme está a caminho, ainda anda: não chegou ainda aos ouvidos dos homens. O corisco e o trovão precisam de tempo, a luz das estrelas precisam de tempo, os atos, mesmo depois de feitos, precisam de tempo para serem vistos e ouvidos. Esse ato ainda lhes é mais distante que a mais longínqua constelação – *e no entanto eles o cometeram!*” – Conta-se também que no mesmo dia o homem louco irrompeu em várias igrejas e em cada uma entoou o seu *Réquiem aeternam deo*. Levado para fora e interrogado, limitava-se a responder: “O que são ainda essas igrejas, se não os mausoléus e túmulos de Deus?” (NIETZSCHE, 2001, p. 147-148)

Retornando à problemática do filme, ao pronunciar essa sentença, John Proctor atrai para si a fúria dos falsos devotos que, possuídos ao extremo pela paranoia selvagem, pretendem de todos os modos purificar Salem de um suposto mal espiritual presente no seio da cidade. Com esta exclamação, Proctor afirma que os homens da comunidade, de tão distantes da prática crística, teriam simbolicamente matado a Deus, ou seja, o espírito de Deus estaria morto no coração dos homens, pois teria sido substituído pela hipocrisia, pela maldade, pela violência, pela ânsia do homem dominar ao seu próximo.

De acordo com a filosofia de Nietzsche, o domínio hegemônico de um indivíduo sobre o outro pode se tornar negativo para a produção de novas forças, pois esse domínio excessivo estaciona uma certa quantidade de energia, visto que o

rival foi controlado em todas as instâncias. Assim, ao invés de se renovar as suas forças, o dominador simplesmente faz com que elas sejam conservadas, esclerosando-as em seu próprio corpo e impedindo o livre fluxo do ciclo vital. No espírito de rivalidade, ao contrário, um indivíduo empreende sempre uma luta contra seu oposto, sem necessariamente pretender a submissão incondicional de seu rival, pois depende da livre atuação dele para que ele próprio venha a ser valorizado. Nietzsche, neste sentido, adota uma postura de grande afinidade com Hesíodo, que considerava em *Trabalhos e Dias* os efeitos positivos da “Boa Luta”, em que esta é motivada por uma rivalidade sem o desejo de destruir o oponente, sendo assim importante para a saúde do homem.

Se atentarmos ao cotidiano, constataremos que a hegemonia é sempre negativa, pelo fato de que retira o senso de competitividade dos indivíduos, tornando-os despreparados para os reveses da sorte e habituando os membros de um certame a um resultado inexorável. Na trajetória de um homem nobre, ocorrem pequenas quedas, que são saudáveis para a vida, pois fortalece o indivíduo na sua jornada pela superação de suas forças. Na tentativa de se controlar os supostos hereges, pode-se afirmar que os membros da comunidade de Salem agiram de uma maneira negativa, pois pretendiam sufocar qualquer tipo de comportamento, reprimir qualquer pessoa que adotasse uma postura ou um discurso contrário ao legitimado pela tradição puritana.

Certamente, essa comunidade não estava preparada para viver a experiência da alteridade, da diferença, por isso não via como algo positivo para a própria manutenção da sua ordem

social a existência de supostas bruxas, como decerto não estaria preparada para dialogar com outras crenças religiosas. E nada pior para uma sociedade do que a existência de uma comunidade-rebanho, na qual todos os indivíduos seguem as mesmas atitudes, agem e pensam de acordo com o mesmo padrão imposto pela tradição e, tanto pior, se utilizam de uma causa supostamente nobre para controlar a vida dos demais. John Proctor, como uma espécie de espírito livre, se insurge contra essa situação. O espírito livre surge quando, ao constatar a mediocridade de seu tempo, ele é capaz de se desvencilhar das amarras de sua comunidade e não mais agir de acordo com normas externas, mas de acordo com sua vontade afirmativa e criadora, de acordo com os seus afetos criativos.

Considerações finais

Em *As Bruxas de Salem*, creio ser possível observar a decadência de uma sociedade enraizada em um espírito aparentemente conservador, que norteia seu cotidiano na prática de um sentimento religioso utilizado não como um instrumento que promova a compreensão entre a comunidade e a satisfação e bem-estar do indivíduo, mas como uma máscara para que esses indivíduos possam esconder os vícios de suas personalidades corrompidas pelo ódio, pelo ressentimento. Um sentimento religioso que poderia ser vantajoso para a vida, torna-se mera hipocrisia. Esse comportamento praticado pelos cristãos de Salem demonstra, nestas condições, os terríveis resultados para a vida quando a moral de rebanho adquire o poder de interferir na vida dos seres humanos, padronizando os comportamentos e reprimindo as disparidades da diversidade de características que podem existir em uma sociedade na

qual, aparentemente, todos os indivíduos seguem as mesmas tradições.

Uma das questões mais intensas do filme reside nesse ponto: mesmo em uma suposta identidade, é possível que co-existam inúmeras diferenças, e a tolerância para com estas somente resulta em benefícios uma comunidade, uma sociedade. A repressão aos instintos naturais do ser humano, através de um conjunto de regras de cunho transcendente à própria vida concreta, tende a mitigar a potência de agir do indivíduo que a ela se submete piamente, motivando uma jornada degradante rumo a decadência da vitalidade e a conseqüente não-aceitação de seu próprio corpo, visto como o elemento que conduz o sujeito ao mal.

Quando um conjunto de homens, representantes de uma moral decadente e ressentida, obtém o controle do poder de decisão de uma comunidade, as perseguições e vontade de reprimir as diferenças tornam-se constantes. Para a renovação e criação de novos valores, é mister que de tempos em tempos surjam espíritos livres, que se engajem ativamente para que essas forças da decadência sejam anuladas ou, tanto melhor, transvaloradas, em um modo de ser mais propício para a afirmação e livre fluxo de uma vida na qual não se

utilize do sentimento religioso para se oprimir e obter vantagens sobre pessoas ou sobre a comunidade.

Referências

HESÍODO. **Teogonia / Trabalhos e Dias**. Trad. de Ana Elías Pinheiro e José Ribeiro Ferreira. Lisboa: INCM, 2005.

MILLER, Arthur. **The Crucible**. New York: The Viking Press, 1970.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo / Ditirambos de Dionísio**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Crepúsculo dos Ídolos ou como se filosofa com o martelo**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **A Gaia Ciência**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

_____. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Filmografia

THE Crucible. Direção: Nicholas Hytner. Produção: Twentieth Century Fox Home Entertainment. Los Angeles (EUA): Twentieth Century Fox Film Corporation, 1996, 1 DVD

*Recebido em 2019-01-04
Publicado em 2019-01-06*